



Imprensa literária no Rio Grande do Sul no século XIX – Textos e contextos¹

Aline do Amaral Garcia Strelow²

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

Resumo

Este trabalho é fruto de pesquisa ainda em estágio inicial, que propõe o estudo da imprensa literária do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX. No período, nasceram e morreram inúmeros jornais de cunho literário no Estado. Foram cerca de 70 publicações inspiradas e atuantes que, com sua presença, animaram a vida intelectual da província. O surgimento de tais periódicos está relacionado ao desenvolvimento da literatura gaúcha, ao aparecimento dos primeiros grupos literários na região e à formação de um novo público leitor. Nesta pesquisa, que tem como base a História Cultural, pretendemos analisar a imprensa literária que teve lugar nessa época, através do estudo de seus textos e contextos, tanto de produção, quanto de recepção pelos leitores.

Palavras-chave

História do jornalismo; Imprensa literária; História do jornalismo no Rio Grande do Sul; Jornalismo e Literatura

A literatura nos jornais sul-rio-grandenses

Na segunda metade do século XIX, no Rio Grande do Sul, duas vertentes jornalísticas emergiram: o jornalismo político-partidário, com folhas criadas pelos próprios partidos políticos; e o jornalismo literário-independente, com foco nas notícias do momento e na vida literária local, que se iniciava.

Conforme destaca Rüdiger (2003), a sociedade civil começava a se complexificar nessa época, havia novas necessidades culturais e os rudimentos de uma camada intelectual que se formava. As preocupações com a cultura, as ciências e as humanidades se delineavam, motivando a procura por material de leitura e atualidades. A mundialização dos horizontes criava uma demanda por notícias, viabilizada pela extensão de várias linhas telegráficas durante a Guerra do Paraguai (1864-1870).

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Pós-doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).



Embora a difusão de notícias e a discussão literária de temas da atualidade fossem função da imprensa desde seu surgimento, os jornais sul-rio-grandenses não se preocuparam concretamente com a informação do público até a segunda metade do século XIX. As folhas literárias que surgem neste período buscam romper com regime dominante, seguidor das regras da racionalidade política, e especializam-se na difusão de notícias e na discussão de assuntos de atualidade sem compromisso doutrinário.

O processo de urbanização de Porto Alegre, à época, é cenário e personagem para o desenvolvimento deste processo. Entre 1870 e 1890, houve um crescimento populacional de 63,2%, cerca de 3,5% ano, conforme aponta Costa Franco (2000, p. 59). De acordo com ele, em 1888, o contingente urbano foi estimado em 35.912 pessoas, habitando 5.371 prédios – números que, provavelmente, ainda estavam aquém da realidade.

Na década de 1860, o Rio Grande do Sul, através da ampliação de suas indústrias, dos meios de transporte e comunicação, conheceu um período de desenvolvimento econômico intenso, especialmente nas cidades de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. Paralelamente, a cultura rio-grandense também se desenvolvia através do trabalho de escritores oriundos das cidades mais desenvolvidas economicamente, que utilizavam as páginas dos jornais para divulgação de sua obra.

O primeiro jornal literário publicado no Rio Grande do Sul foi *O Guayba*, lançado em Porto Alegre, no dia 3 de agosto de 1856 (FERREIRA, 1975). Em suas páginas, foram impressas as idéias dos principais representantes da primeira geração romântica local. César (1971) credita ao grupo de *O Guayba* o início da organização da literatura sul-rio-grandense.

As inquietações do grupo passavam longe das características genuinamente gaúchas. Não eram a lida campeira e o chimarrão que os inspiravam. Eram individualistas e sensíveis ao extremo, tendo na contemplação, na melancolia, na tristeza e no abandono, suas principais temáticas. Assuntos como filosofia, história, amor e belas artes eram debatidos com frequência pelos redatores do jornal.

Apesar de introduzir questões bastante adiantadas para a época, *O Guayba* seguia uma tendência conservadora. Mesmo quando colocava em pauta discussões como a instrução feminina, por exemplo, não deixava de fazer suas devidas ressalvas. Educação para a mulher, sim. Mas que ela servisse para melhorar seu desempenho como mãe, nunca para emancipá-la.



Depois da experiência de *O Guayba*, que terminou em 1858, os escritores locais começaram a aparecer em grupos. As novas vertentes literárias eram unidas, então, por projetos e ideais comuns, assemelhando-se em muito com o fenômeno que tinha espaço no centro e no norte do Brasil. Mas não era somente neste sentido que os sul-rio-grandenses se afinavam com o restante do país. A morte prematura ou a *escola de morrer jovem*, como define César (1971), era outra característica dos artistas da época.

O desenvolvimento de uma intelectualidade emergente é representado pela criação da conhecida *Sociedade Partenon Literário*, organizada em torno da *Revista do Partenon Literário*, lançada em 1869. O grupo de jovens idealistas e intelectuais se reunia para discutir temas como a abolição da escravatura, os direitos da mulher e o movimento republicano. Suas obras serviram de veículo para a defesa dessas idéias, tendo sido a luta pela abolição claramente defendida no teatro. Além disso, foi realizada uma coleta de fundos para a alforria de escravos, prova da sintonia existente entre teoria e prática.

A *Revista do Partenon Literário*, lançada quase um ano após o surgimento da Sociedade, registrou a libertação de 50 cativos, em 1876, doze anos antes da Lei Áurea. De finalidade estritamente cultural, não apresentava anúncios comerciais. Suas despesas eram financiadas pela tesouraria do grêmio, e sua distribuição era feita, consta, gratuitamente, não só entre os sócios do Partenon, como entre as pessoas que se interessassem pela publicação. Circulava mensalmente, em cadernos ou fascículos. Contava com inúmeros colaboradores, que se revezavam em cada edição. Foi uma das publicações de maior porte da província, no século passado, tendo circulado por cerca de 10 anos (CESAR, 1971).

Mas a popularização da literatura começa a se dar, mesmo, com o surgimento dos romances-folhetim. É provável que a publicação do primeiro folhetim no estado tenha se dado exatamente em *O Guayba*. A publicação dos textos de rodapé ocorreu nos mais diversos periódicos da província, quer enquanto traduções de originais franceses, quer enquanto criações intelectuais locais.

Conforme Hohlfeldt (2003), a literatura popularizou-se através do jornalismo, mudando constantemente suas características. “Escritores sobreviviam do jornalismo enquanto desenvolviam suas obras. Os livros, originalmente muito caros, tiveram seus preços barateados, à medida que a revolução industrial aperfeiçoava as máquinas e as tiragens aumentavam”, explica (p. 30). O folhetim se torna gênero referencial para as



mais diferentes camadas da população, sobretudo devido ao desenvolvimento de novas técnicas narrativas e emprego de novos temas por parte dos autores.

Ao todo, cerca de 70 publicações jornalístico-literárias circularam no Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX, levando a público a produção literária que começava se proliferar. Crônicas, contos, ensaios, além, é claro, das notícias, eram alguns dos gêneros textuais que tinham lugar nessas folhas.

A verificação do fenômeno que representou o jornalismo literário no Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX revela a vitalidade cultural da província e demonstra a força das bases nas quais vão se estabelecer veículos na mesma linha, mas de maior porte, no século XX. No entanto, são raras as publicações dedicadas ao assunto. Especificamente sobre o tema, destaca-se *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*, inventário de Athos Damasceno Ferreira (1975) sobre o movimento, pesquisa de fôlego, referência obrigatória, no entanto com olhar mais voltado para a literatura do que para o jornalismo. Tangenciando o tema, temos os livros *Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*, de Antonio Hohlfeldt (2003); *História da literatura do Rio Grande do Sul: 1737-1902*, de Guilhermino Cesar (1971); *Breve histórico da imprensa sul-riograndense*, de Jandira da Silva, Elvo Clemente e Eni Barbosa (1986); e *Tendências do jornalismo*, de Francisco Rüdiger (1993).

A obra de Hohlfeldt, como adianta seu título, é voltada ao estudo dos romances publicados nos rodapés dos jornais, fenômeno que marcou a imprensa literária sul-riograndense desde seu surgimento. Cesar traz importante contribuição histórica sobre a relação entre imprensa e literatura no período, com foco, porém, nesta última. O livro de Silva, Clemente e Barbosa é um inventário da imprensa no Rio Grande do Sul desde 1827, ano de publicação do pioneiro *Diário de Porto Alegre*, até 1935. O trabalho de Rüdiger resgata a história do jornalismo no Rio Grande do Sul, desde seu surgimento até o início da década de 1990, passando, com importante contribuição, pela imprensa literária do século XIX. Todos eles constituem bibliografia obrigatória para esta pesquisa.

No trabalho aqui apresentado, pretendemos estudar o tema com olhar voltado aos processos jornalísticos, em diálogo com a realidade dos jornalistas, escritores e intelectuais que se utilizavam das páginas dos jornais literários para expressar suas idéias e divulgar seus textos; com o contexto que abrigava estas “empresas” jornalísticas; e com o processo de leitura de tais folhas por parte dos receptores, em um



momento em que começa a se formar, no Estado, um público leitor, interessado em jornais e livros.

Inserido no campo da História Cultural, este trabalho pretende se reportar ao que se produziu nesta imprensa literária, de que forma, para quem e com quais consequências para a sociedade. Pretendemos investigar, também, a forma como público reagiu às mensagens e perceber como realizaram as leituras, como se apropriaram das informações e as interpretaram, conforme sugere Barbosa (2005, p. 102).

Metodologicamente, seguiremos o modelo de circuito da comunicação proposto por Darnton (2010), que aponta, como percurso, exatamente este caminho que vai dos produtores do texto às diferenciadas apropriações da mensagem pelo público. Como técnicas, utilizaremos a pesquisa bibliográfica, a análise de conteúdo e a pesquisa documental.

Uma análise à luz da História Cultural

História é reinterpretação. Na impossibilidade de recuperar o passado tal e qual se deu, nos relacionamos com ele por meio das narrativas. Como salienta Paul Veyne (1998), a história não é apenas uma série de acontecimentos, mas a narração desta série de acontecimentos. Essa impossibilidade não é privilégio da história – mesmo lançando mão dos mais refinados métodos de investigação, independente da área de estudos, o pesquisador não consegue acessar a realidade propriamente dita, ontológica, mas apenas os fenômenos da realidade (Rodrigues dos Santos, 2001, p. 32).

A historiografia, como nos ensina Certeau (2010), traz inscrito no próprio nome o paradoxo do relacionamento de dois termos antinômicos: o real e o discurso. Ela tem a tarefa de articulá-los e, onde este laço não é pensável, fazer *como se* os articulasse. Como bem define Ricoeur (1961):

A história é realmente o reino do inexato. Esta descoberta não é inútil; justifica o trabalho do historiador. Ela justifica todas as suas incertezas. O método histórico não pode ser mais que um método inexato.

(...)

A história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver, mas só pode reconstruir. Ela quer tornar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem que reconstruir a distância e a profundidade da lonjura histórica.

(...)

Essas dificuldades não são vícios do método, são equívocos bem fundamentados (RICOEUR, 1961, p. 226).



Isso não significa que o pesquisador escreva sobre fatos que não aconteceram, ou pelo menos não daquele modo, mas que o sujeito pesquisador está sempre presente na análise empreendida. O horizonte da objetividade, que deve ser o do pesquisador, não deve ocultar o fato de que a história é também uma prática social. Como sublinha Le Goff (2003), é legítimo observar que a leitura da história do mundo se articula sobre uma vontade de transformá-lo.

Neste trabalho, nos propomos a estudar a imprensa literária sul-rio-grandense do século XIX. Pretendemos compreender os significados plurais dos textos que circulavam na sociedade da época e como os leitores se relacionavam com eles. Queremos perceber com as idéias eram transmitidas através dos textos e como influenciavam no comportamento dos leitores. Queremos conhecer estes escritores-jornalistas, pioneiros na construção de um ambiente literário no estado e como se dava seu trabalho.

Temos, como objeto, o jornalismo impresso. O jornalista, ele próprio, é também um hermenêuta da realidade. O jornalista, enquanto historiador do instante, também interpreta os acontecimentos, não apenas os recita. As narrativas jornalísticas, mesmo tendo como norte a objetividade e a imparcialidade, são espaços de subjetividade. Mediador, o jornalista imprime seu ponto de vista à notícia, mesmo quando não opina. Os estudos acerca da *filtragem* e das rotinas da profissão demonstram a característica hermenêutica do jornalismo.

Assim, ao estudarmos a história da imprensa, precisamos construir nossa pesquisa em torno da questão discursiva, da produção de subjetividades, dos liames culturais e das relações de poder na sociedade, conforme propõe Barbosa (2005, p. 105). O processo jornalístico, enquanto objeto de estudo da história, deve ser analisado em seus principais momentos e personagens – o conteúdo, o produtor da mensagem e a mensagem como a forma como o leitor entendeu, nos limites de sua cultura, os sinais impressos.

Eco (1994), em seus estudos sobre a presença do leitor no texto literário, afirma que todo texto é uma máquina preguiçosa, pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho. Entre os conceitos básicos definidos pelo autor, para compreender a relação entre produção e leitura, está o *leitor-modelo*. O leitor-modelo de uma história não é o leitor empírico. Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe



lei que determine como devem ler, porque, em geral, utilizam o texto como receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas por ele.

O texto é, então, um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo. Gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos dos outros, como em um jogo ou uma batalha. A analogia só perde força pelo fato de que, num texto, o autor costumeiramente quer levar o adversário a vencer, e não a perder. Nesse processo, o próprio leitor empírico de um texto elabora uma hipótese acerca do autor, o *autor-modelo*. Sua configuração depende de traços textuais, mas põe em jogo o universo do que está antes do texto, atrás do destinatário e, provavelmente, diante do texto e do processo de cooperação que se estabelece na leitura (ECO, 1986). A análise desses movimentos permite compreender, de forma mais efetiva, o processo comunicacional.

A opção pela História Cultural se deve ao interesse em estudar nosso objeto de pesquisa – a imprensa literária sul-rio-grandense do século XIX – como um sistema de comunicação, que está vivo em seus processos e não apenas em seus produtos. Deve-se, também, ao interesse pelo estudo da produção e da escrita, mas também da leitura e da recepção. Responde ao desejo de resgatar as sensibilidades, as razões e as sociabilidades que pautaram a conduta e a percepção destes homens e mulheres do passado, que construíram os primórdios da imprensa literária no estado.

Abordagem metodológica

A abordagem metodológica da pesquisa terá como base o modelo proposto por Darnton (2010, p. 127) para o estudo dos impressos. Tal modelo parte da premissa básica de que é necessário um esforço do pesquisador para enxergar o objeto como um todo, entender o ciclo comunicacional que lhe dá vida. “As partes não adquirem seu significado completo enquanto não são relacionadas com o todo”, explica (2010, p. 126).

Como, nesta investigação, nosso objetivo é compreender a história dos jornais literários sul-rio-grandenses do século XIX através de seus processos – de produção, conteúdo e recepção, a proposta de Darnton é oportuna. O que o autor sugere é uma análise do circuito comunicacional que envolve o objeto – ou seja, suas materialidades, os atores envolvidos e sua relação com a sociedade.

De acordo com Barbosa (2010), o modelo conceituado por Darnton como circuito da comunicação considera o percurso que vai dos produtores do texto às formas



de apropriação diferenciadas das mensagens pelo público. A observação do que se produziu, como, para quem, com que consequências para a sociedade constitui a linha mestra da proposta do autor. “É preciso desvendar quem escrevia nesses periódicos, que estratégias esses impressos empregavam para buscar um público mais amplo – ou seja, apelos, valores e estratégias evocadas no seu discurso -, como funcionavam essas empresas e de que forma os textos chegavam ao público”, esclarece a autora (2005, p. 104).

Para compreendermos, a partir deste modelo, a história da imprensa literária sul-rio-grandense do século XIX, lançaremos mão de técnicas de pesquisa que serão fundamentais para que consigamos acessar os principais momentos do circuito. São elas: pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e pesquisa documental.

Através das pesquisas bibliográfica e documental, pretendemos estudar a sociedade e o contexto da época, desvendar o momento literário e jornalístico vivido pelo Rio Grande do Sul, quem eram os atores envolvidos no processo produtivo e vislumbrar a realidade dos leitores. A análise de conteúdo das principais publicações do período possibilitará a compreensão das temáticas abordadas, dos gêneros jornalísticos e literários empregados, além de rastrear os vestígios sobre autores e leitores dos textos analisados. Isso porque o texto, como lembra Ricoeur (1990), se completa pelo itinerário da leitura – trata-se, assim, de uma produção comum do autor e do leitor.

A análise de conteúdo terá como referência a obra de Bardin (1977) e será aplicada a jornais e revistas literários publicados na segunda metade do século XIX no Rio Grande do Sul e disponíveis para pesquisa no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, localizado em Porto Alegre (RS).

História através das folhas literárias

A história cultural da imprensa literária gaúcha será contada tendo como objeto empírico os seguintes periódicos:

- 1 – Álbum de Domingo (1878 – 1879)
- 2 – O Amador (1896 – 1896)
- 3 – America (1870 - ?)
- 4 – O Americano (1842 – 1843)
- 5 – Arcádia (1867 – 1869)
- 6 – Artista (1862 – 1912)



- 7 – O Bisturi (1888 - ?)
- 8 – O Constitucional Rio-Grandense (1828 – 1831)
- 9 – O Diógenes (1963 – 1874)
- 10 – Gazeta da Tarde (1895 - ?)
- 11 – O Guayba (1856 – 1858)
- 12 – O Lábaro (1880 – 1881)
- 13 – Mecenas (1894 – 1895)
- 14 – O Mosquito (1874)
- 15 – Revista do Parthenon Litterario (1869 – 1879)
- 16 – Revista Litteraria (1881 – 1882)

Estas publicações integram o acervo de jornais raros do Museu Hipólito José da Costa e estão disponíveis para pesquisa – embora alguns exemplares já estejam bastante frágeis. Assim, além de analisá-los enquanto objeto empírico, esta pesquisa tem como objetivo digitalizá-los e catalogá-los, para que possam ser acessados por um número maior de pesquisadores e para preservar os originais.

Estudar as folhas que constituem a fértil imprensa literária do Rio Grande do Sul no século XIX significa enveredar-se pela história da sociedade gaúcha no período, implica estudar a produção jornalístico-literária que tem lugar em suas páginas, mas também observar as relações que atravessam o texto, que o transformam em um ingrediente da vida social.

Referências bibliográficas

ARNT, Héris. **A influência da literatura no jornalismo: O folhetim e a crônica**. Rio de Janeiro: e-papers, 2001.

BARBOSA, Marialva. *Jornalismo impresso e a construção de uma memória para a sua história*. In BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia (org.). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005.

_____. *Meios de comunicação e história: um universo de possíveis*. In RIBEIRO, Ana Paula

Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves. **Mídia e memória: A produção de sentidos**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. *Por uma história cultural da imprensa*. In Alceu – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Vol. 2, nº 1, Julho de 2008.



- _____. *Múltiplas formas de contar uma história*. In Alceu – Revista do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Vol. 10, nº.20, Janeiro a Julho de 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 1977.
- BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia (org.). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005.
- CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul: 1737-1902**. Porto Alegre: Globo, 1971.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- COSTA FRANCO, Sérgio da. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FERREIRA, Athos Damasceno. **Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: UFRGS: 1975.
- HOHLFELDT, Antonio. **Jornalismo e literatura: Relações antigas e ambíguas**. [s.n.t.].
- _____. **Deus escreve direito por linhas tortas: O romance folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: O estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MONTORO, Jose Acosta. **Periodismo y literatura**. Madrid: Guadarrama, 1973.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História cultural: Experiências de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (org.). **Mídia e memória: A produção de sentidos**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- _____; HERSCHMANN, Micael (org.). **Comunicação e história: Interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X e Globo Universidade, 2008.
- RICOEUR, Paul. *Histoire de la philosophie et historicité*. In ARON, Raymond (org.). **L'histoire et ses interprétations. Entretiens autour d'Arnold Toynbee**. Paris: Mouton: 1961.
- _____. *Mimèsis, référence et refiguration dans temps et récit*. In *Études Phénoménologiques*, nº 11, pág. 29-40, Institut Supérieur de Philosophie, 1990.



RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SILVA, Jandira; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul-riograndense**. Porto Alegre: Corag, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: Uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2005.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Brasília: UNB, 1998.

WEILL, Georges. **El periódico**. México: Uteha, 1962.